

A poesia de Vimala Devi ヴィマラ・デーヴィの詩

Mauro NEVES

この論文では、1498年から1961年までの間、インドにおいてポルトガル語で書かれた文学に関する概説を試みる。

ブラジルやポルトガル語圏アフリカ諸国でも見られたように、インドにおいてポルトガル語で書かれた初期の作品は、ポルトガルの航海者や植民地開拓者、あるいはカトリックの宣教師がさまざまな意図でインドの情勢を記録したものである。

しかし、インド・ポルトガル文学の本真の誕生は、ブラジル独立（1822年）以降のことである。なぜなら、ブラジル独立後、ポルトガル人はアメリカ大陸を忘れ、アジアに目を向けるようになったからである。

そして、ポルトガルのサウダージや感傷主義とヒンズー教が生み出した思想、さらに、コンカニ語のリズムが長い間に渡って混成した文化から素晴らしい文学が生まれた。

その中でも、インド・ポルトガル文学を代表するもっとも優れた詩人、ヴィマラ・デーヴィの詩の解説を行うことが、この論文の主な目的である。そのために、デーヴィの文学活動と彼女の作品の主な特徴を解説する。さらに彼女が異なる時期に書いた三詩の分析も行う。

I. INTRODUÇÃO

Temos por objetivo primordial, neste breve artigo, analisar três poemas de fases distintas da carreira literária de um dos melhores exemplares da praticamente extinta literatura indo-portuguesa: Vimala Devi.

Mas o que vem a ser, antes de mais nada, literatura indo-portuguesa?

Literatura indo-portuguesa é o resultado mais evidente da presença portuguesa na região indiana de Goa, desde a sua chegada ao sub-continento indiano em 1498 até a sua expulsão pela União Indiana em 1961.

Se durante os seus primeiros anos, tal como ocorreria tanto em Macau, como na África portuguesa e mesmo no Brasil, reúne meros relatos de viagem, crônicas a serem enviadas para a metrópole (ou nela escritas) relatando os principais acontecimentos, a natureza e a riqueza da colônia e o seu processo de cristianização, com o passar do tempo foi se formando em Goa uma literatura de características próprias, características estas que viriam a constituir a assim chamada literatura indo-portuguesa.

A principal dessas características seguiu sendo a mistura da língua portuguesa e do saudosismo luso com expressões do konkani - língua local, com o hinduísmo, se não expressamente religioso, em tudo que há nele de filosófico-espiritual e, com o ritmo lancinante e melancólico oriundo das tradições orais goenses, representadas sobretudo pela sua música folclórica: o *baila* e o *mandó*.

A literatura indo-portuguesa, tal qual a música goense - esta ainda persistente tendo por seu principal representante Remo Fernandes, um dos mais renomados artistas do pop indiano, é resultado da conglomeração cultural que foi Goa entre a instalação definitiva do domínio português na região em 1510 e o fim do Estado Português da Índia em 1961.

Durante esses quase 450 anos de dominação portuguesa, Goa consistiu-se num verdadeiro caldeirão cultural onde se misturavam as influências indianas vindas do continente, influências árabe-persas trazidas pelos mercadores que por aí passavam, influências africanas trazidas pelos escravos vindos das colônias afro-portuguesas, influências cingalesas e malaias vindas após o fim do domínio português sobre essas regiões e, até mesmo algo de brasileiro e também chinês, sem se esquecer é claro da influência portuguesa propriamente dita.

Assim sendo, no século XVI já se é possível sentir o caráter propriamente indo-português nos escritos de Fernão Álvares do Oriente (1540-1595), ele próprio nascido em Goa.

No entanto, só é devidamente apropriado falar-se em uma literatura indo-portuguesa propriamente dita a partir do início do século XIX, quando Goa já não é mais o principal entreposto econômico do império português nem o

caldeirão cultural que o fora até então, mas por outro lado começa a passar, com a chegada das teorias liberais, por um verdadeiro ressurgimento cultural.

Com a decadência do império português, sobretudo após a independência do Brasil em 1822, Goa ficou quase que sendo uma mera lembrança ou um símbolo do passado de glória da coroa portuguesa - tal como ocorreu com Macau até mais recentemente, visto que os interesses econômico-coloniais portugueses voltaram-se, então, completamente para o continente africano e não mais o asiático.

No entanto, esse quase abandono político-econômico contribuiu para um florescimento cultural independente da metrópole, o qual acabou por concretizar a cultura indo-portuguesa já existente e por afirmá-la, sobretudo, através da imprensa e da literatura.

Podemos distinguir duas etapas distintas na literatura indo-portuguesa do século XIX, uma marcadamente romântica e a outra mística, sendo esta mais evidentemente de características indo-portuguesas.

Destacam-se como representantes dessas duas correntes do século XIX: Joaquim Mourão Garcez Palha (1840-?), poeta profundamente romântico e influenciado sobretudo por Garrett; o romancista Francisco Luís Gomes (1829-1869), cujo tema principal era a injustiça do sistema de castas; o contista J. Gonçalves (1846-1896), também influenciado por Garrett e o primeiro crítico literário de Goa, com o seu *Ilustração Goana*; o ensaísta Frederico Diniz d' Ayala (1860-1923), marcadamente influenciado pelo positivismo de Comte; o poeta Pedro António de Sousa (1854-1931), marcadamente nacionalista e saudosista, com influências de Gonçalves Dias; Moniz Barreto (1863-1894), um dos grandes intelectuais de língua portuguesa de todos os tempos que exerceu atividades como poeta, pensador e crítico literário, não só em Goa como também em Lisboa; Leopoldo Dias (1854-1903), um dos grandes nomes do simbolismo em língua portuguesa; Gíp (1864-1901), pseudônimo de Francisco João da Costa, autor da obra literária de maior influência na área cultural indo-portuguesa e também a que mais claramente retrata a sociedade goense, *Jacob e Dulce: Cenas da vida*

indiana; Cristóvão Aires (1853-1930), poeta, contista e historiógrafo, muito próximo da vida cultural portuguesa da sua época, tendo seguido carreira militar em Portugal; Fernando Leal (1846-1910), poeta muito ligado a Antero de Quental e Gomes Leal, e; Manuel Salvador Sanches Fernandes (1886-1915), poeta ligado ao movimento parnasiano, mas de uma poesia sombria quase que romântica e de profundo aspecto goense.

Mesmo se pudéssemos ignorar todos os escritores goenses até então mencionados, ser-nos-ia impossível esquecer a personalidade marcante que foi o principal deles no século XIX: Paulino Dias (1874-1919).

Paulino Dias foi o mais autêntico dos escritores luso-indianos. “ De nome português, usava o pseudónimo hindu de *Priti Das* (Escravo do Amor); de religião católica, tratou poeticamente o hinduísmo com um fervor pouco comum; de formação científica moderna, monta uma pequena indústria de farmacopeia aiurvédica... ” ¹

Suas poesias filosófico-científicas, outros escritos e o drama de fundo indiano, *Os Párias*, marcariam não só Goa, como também Macau e até mesmo Portugal na passagem do século XIX ao XX.

Vários outros escritores goenses do século XIX poderiam ainda ser citados, mas passemos ao século XX.

Podemos dizer que o século XX, do ponto de vista literário, começou praticamente em Goa apenas após a morte de Paulino Dias e, por outro lado, após também a instauração da ditadura em Portugal, em 1926, a qual contribuiu para acirrar a rivalidade entre católicos e hindus na região e o retorno de um colonialismo de carácter mais presente e mais autoritário.

É possível dividir-se a literatura indo-portuguesa moderna em dois sub-períodos: o primeiro indo de 1919 a 1947, com a independência da Índia da Inglaterra e, o segundo indo de 1947 a 1961, com o fim do Estado Português da Índia.

Os primeiros trinta anos da moderna literatura indo-portuguesa foram

1 Devi, Vimala e Manuel de Seabra, A literatura indo-portuguesa (Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971) 2 v., v.1, p. 310

marcados pela forte influência da literatura portuguesa propriamente dita, sobretudo do neo-realismo.

Destacam-se nesta fase: o ensaísta Francisco Correia Afonso (1893-1961), o qual acabou por escrever mais em inglês do que em português, mas que possui um trabalho dos mais interessantes e clarificadores sobre a cultura indo-portuguesa intitulado *A Origem e a Evolução do Mandó* (1933); o poeta Adeodato Barreto, um dos fundadores do Instituto Indiano de Goa e do jornal *Índia Nova* e um dos mais nacionalistas entre os escritores goenses, profundamente influenciado por Ruben Darío, e; o escritor mais renomado de sua geração, o dramaturgo, contista, poeta e romancista Ananta Rau Sar Dessai (1910-), o qual fez em seus contos e, sobretudo, em seus dramas e novelas de rádio, uso expressivo do português coloquial de Goa enquanto linguagem literária, além de possuir uma rica galeria de tipos humanos em toda a sua vasta obra, parte da qual escrita também em marata.

A segunda geração de escritores goenses modernos foi marcada pela incerteza do seu futuro e do futuro da língua que cultivavam dentro do contexto de uma Índia unida e independente, sem os traços europeus.

É uma geração preocupada com o destino de Goa e da cultura indo-portuguesa como um todo, incorporando cada vez mais características indianas aos seus textos, ou prendendo-se cada vez mais ao saudosismo lírico português.

Destacam-se nessa geração, além de Vimala Devi (1932-) que analisaremos mais detalhadamente: o contista Epitácio Pais (1928-), preocupado com as mudanças sócio-culturais e político-econômicas ocorrendo ao seu redor; o poeta, romancista e contista Laxmanrao Sardessai (1904-), mais conhecido como político e como escritor na língua marata que no português; o poeta e contista Alberto de Meneses Rodrigues (1904-1971), um caso especial na literatura indo-portuguesa, sendo simultaneamente idealista e realista, na medida em que o é possível sê-lo; o poeta e contista Orlando da Costa (1929-), famoso sobretudo por seu romance neo-realista, *O Signo da Ira*, considerado o primeiro romance adulto de ambiente goês; o romancista e contista Agostinho Fernandes (1932-), com seu romance mais

famoso sendo *Bodki*, o qual retrata com realidade não só a paisagem como também a vida goense nas décadas de 40, 50 e 60, marcado pela sua frescura e liberdade de uso da língua portuguesa coloquial de Goa, e; o poeta e estudioso do folclore konkani R.V. Pandit (1917-), com vasta obra poética publicada em konkani, português e inglês.

Alguns desses escritores, após o fim do Estado Português da Índia - alguns mesmo antes disso - refugiaram-se em Portugal e constituiriam o que se pode chamar de uma literatura indo-portuguesa no exílio, cada vez mais incorporada à literatura portuguesa propriamente dita - sendo este o caso, por exemplo, de Vimala Devi - enquanto outros seguiriam vivendo em Goa e acabariam por se incorporar definitivamente à literatura indiana como um todo, em muitos casos até mesmo abandonando o português, como é o caso de R.V. Pandit.

II. VIMALA DEVI

Vimala Devi nasceu em 1932 na pequena aldeia cristã de Britona, à beira do Mandovi, tendo por verdadeiro nome Teresa da Piedade de Baptista Almeida.

Colaborou durante algum tempo para os jornais goenses, principalmente para *O Herald*, como poetisa, contista, crítica e historiadora literária, sendo que este seu último esforço iria resultar anos mais tarde na principal fonte de pesquisa sobre a literatura indo-portuguesa.²

A partir de 1958 fixou residência em Lisboa, onde frequentou a Universidade, e não mais voltou a viver na sua terra natal, Goa.

Em 1960 realizou uma viagem pelo Brasil divulgando o folclore goense, trabalho este que continuou realizando posteriormente para a RTP, em Portugal, ao longo das décadas de 60 e 70. Ainda com esse mesmo intuito, esteve em Angola e Moçambique em 1964.

A obra poética de Devi sofreu profundas alterações aos longos dos anos,

2 Idem, ibidem

evoluindo de uma poesia simbolista profundamente influenciada por Camilo Pessanha e arraigada à cultura indo-portuguesa - sendo este o caso dos poemas publicados em seu primeiro livro, *Súria*³; passando por uma poesia contida, mais livre nas formas e mais variada nos temas, agora refletindo uma influência marcante dos textos de Fernando Pessoa - sendo este o caso de seu seguinte livro de poesias, *Hologramas*⁴, e; terminando por chegar a uma poesia internacionalizada e de fundo universal, marcada pelo concretismo e já mais próxima da poesia brasileira do seu tempo que da portuguesa, como acontece com *Telepoemas*⁵.

Seu primeiro livro de poesias foi assim comentado por João Gaspar de Simões⁶: “ Dir-se-á que estamos diante de um Camilo Pessanha que lesse Fernando Pessoa. ”

Já Natércia Freire⁷ afirmou que a poesia de Devi era “ ... tão perfeita e essencial, tão densa e secreta como se pode ser quando se percorreu já um doloroso caminho de ambições e exigências, de lutas entre a palavra e a forma ” .

Fora dos limites lusófonos, a poesia de Devi também chamou a atenção dos críticos, como comprovam as palavras de Salvador Espriu⁸: “ M’ha complagut moltíssim la tramesa del vostre llibre solar, Súria, tan gentilment dedicat. Sóc ben sensible a l’honor que el vostre obsequi suposa; a la vellutada harmonia dels vostres versos, del vostre sonor i delicat portuguès ” .

O mesmo Espriu referiu-se da seguinte forma sobre *Hologramas*: “ una de les rares però necessàries vies d’incorporació dels antics I eterns símbols clàssics als mites de l’última ciència i de la recentíssima tècnica. ” ⁹

Já João Pedro de Andrade afirmou que sentia-se nesse livro de Devi “ o

3 Devi, Vimala, *Súria* (Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1962) 47 p.

4 Idem, *Hologramas* (Coimbra, Ed. da Universidade, 1969) 37 p.

5 Idem, *Telepoemas* (Coimbra, Ed. da Universidade, 1970) 38 p.

6 Simões, João Gaspar in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 323

7 Freire, Natércia in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 324

8 Espriu, Salvador in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 324

9 Idem, ibidem, p. 325

esforço do poeta em fundir na poesia as palavras, os símbolos, as imagens que se vêm criando por si próprias, e que se colocam (ou o poeta as coloca) lado a lado dos mitos que há muito tempo têm lugar na poesia. ”¹⁰

Quanto a *Telepoemas* obteve pouca repercussão à época de seu lançamento, tendo sido apenas mencionado então por Amândio César e Massaud Moisés.

Rodrigues Júnior classificou-o simplesmente de “ uma obra europeia ”.¹¹ Enquanto Alfredo Guisado elogiou o “ seguro modo como a poeta se apoderou dos difíceis segredos da moderna literatura, com a precisa seriedade de quem é um verdadeiro artista. ”¹²

Fora sua obra poética e suas inúmeras contribuições para os jornais goenses, portugueses e africanos de língua portuguesa, Devi legou-nos ainda a coleção de contos *Monção*¹³, esta sim a sua obra definitivamente indo-portuguesa, onde incorporou toda a mescla cultural resultante das culturas indianas, africanas e portuguesa efetuada em Goa.

Nos textos de seus contos são utilizadas várias expressões do konkani e do português coloquial goense, numa maneira de escrever que a aproxima muito mais do modernismo brasileiro e dos escritores cabo-verdianos seus contemporâneos, muitos dos quais com quem conviveu diretamente quer em Lisboa quer em Coimbra.

Amândio César comentou assim o livro de contos de Devi: “ ... ao escrever sobre a gente da sua e da nossa terra de Goa, Vimala Devi foi mais do que a analista de casos avulso postos diante dos seus olhos e da sua experiência: soube com esses casos separados dar-nos a paisagem humana e social de Goa, os seus hábitos, costumes, anseios, comportamentos e, ainda, as tonalidades diversas do humano, escalonado nos factores religiosos e ancestrais. Daí que cada conto, cada narrativa seja uma descoberta para o leitor que deseja aproximar-se da Goa viva, da Goa autêntica, da Goa que nos

10 Andrade, João Pedro de in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 325

11 Rodrigues Júnior in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 326

12 Guisado, Alfredo in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 326

13 Devi, Vimala, Monção (Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1963)

corre no sangue ou na imaginação, ou na memória. ”¹⁴

Rodrigues Júnior chegou mesmo a afirmar que “ Vimala Devi escreveu um grande livro, que ficará ao lado dos maiores que a Índia deu à literatura de expressão portuguesa. ”¹⁵

A seguir analisaremos três poemas de sua autoria e de diferentes fases de sua obra.

III. TRÊS POEMAS

GOA¹⁶

Na madrugada de lágrimas e esperança,
Teu pranto é o meu.

De ti me vem um apelo
Dolorido e ancestral.

No meu pensamento serás sempre
O eterno sonho luso
- Comunhão de mosteiros e pagodes.

O Súria divino
Esconde-se tímido
Cobrindo de luto
Teus rios e prados!
Calam-se murdangas e batuques;
Mandós são lamentos
Do folclore em agonia...

Teu brado de protesto,

14 César, Amândio in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 226

15 Rodrigues Júnior in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 1, p. 226

16 Devi, Vimala, Súria (Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1962), p. 27-28

Como eco abafado,
Guardarei no sorriso
Que me deste em criança,
E a tua expressão de luar
Na noite de amor mais fundo
Sera o meu único enlevo
No sonho da noite imensa.

Envolta em odor de sândalo,
Serei a voz da consciência:
A voz de dois mundos!

Neste poema, talvez o mais bonito de todos legados pela literatura indo-portuguesa, Vimala Devi retrata perfeitamente o sentimento de saudade da terra natal, por um lado, e a revolta, comum a muitos goenses, gerada pelo fim da harmonia religioso-cultural reinante em Goa, com a integração da região à União Indiana.

Enquanto sua saudade é exprimida de forma dorida, com o uso de palavras tristes, tais como “ lágrimas ” , “ pranto ” , “ dolorido ” , “ luto ” , “ lamentos ” ; sua revolta vem envolta em máximas definitivas, tais como “ No meu pensamento serás sempre o eterno sonho luso ” , “ Mandós são lamentos do folclore em agonia... ” , “ Serei a voz da consciência: a voz de dois mundos! ” .

Este poema aproxima Devi do saudosismo neo-romântico reinante na literatura portuguesa das primeiras décadas do século XX e, pode-se mesmo comparar a sua acepção dolorosa de Goa com a impressão profunda exprimida por Florbela Espanca das secas do Alentejo em *Árvores do Alentejo*.

Mas, talvez, a poetisa lusófona mais próxima de Devi seja Alda Lara; pois, ambas tiveram que perder sua pátria devido a condições adversas alheias a si próprias.

Ao falar de Goa Devi não se esqueceu de incluir palavras tão comuns ao

dia-a-dia de sua terra natal, mas, provavelmente, obscuros aos alheios à cultura indiana. É o caso de “ Súria ”, “ murdangas ”, “ mandós ” e “ sândalo ” .

Por fim, cabe ainda ressaltar a profundidade da forma encontrada pela poetisa para absorver o “ brado de protesto ” da terra natal, apegando-se, numa extraordinária metáfora, ao “ sorriso ” e à “ expressão de luar ” recebidos de Goa na infância, fechando o poema de forma grandiosa e metafísica, nesse momento aproximando-a de outra grande poetisa da lusofonia: Cecília Meireles.

MEU NATAL¹⁷

Meu Natal de montras

A contemplar bonecas do tamanho de crianças

E crianças do tamanho de sonhos...

Meu Natal de parques e avenidas

- ruas de olhos desfeitos em maravilhas!

Na noite gelada de gargalhadas ocas

rasgo o céu de estrelas postiças

e cubro o espaço com as minhas ternuras

- balões que não-de voar sobre crianças esquecidas

Neste pequeno, mas profundo poema, Devi reflete sobre o espírito do Natal e a adversidade enfrentada pelas crianças que não podem esperar um Natal como o que foi criado pela civilização ocidental-capitalista.

Poema já de uma segunda fase da sua evolução literária, não há aqui referências diretas a Goa, embora talvez as “ crianças esquecidas ” sejam as da sua terra natal, mas sim há uma preocupação quase que metafísica com relação à disparidade entre os natais da sua infância simples e “ de montras ”

17 Idem in: Devi, Vimala e Manuel de Seabra, Op. cit., v. 2, p. 397

com os de agora “ de parques e avenidas ” , “ de estrelas postiças ” , sendo que os da sua infância envolviam as crianças num mundo de sonho, mas os de hoje as deixam “ esquecidas ” .

Levando-se em conta que este poema foi escrito em Angola, quando de uma das suas viagens pela África, estas mesmas “ crianças esquecidas ” podem ser também uma referência aos milhares de crianças deixadas órfãs pelos combates das guerras de independência, então, já em andamento.

nem rugir de seda
nem som
 uma lágrima
 voz de água

uma voz faz-se
com mãos de Goya:
dor contornada
de muitas faces

(a dor era igual
 é igual)

Surgia Europa
mais tarde surgia
Europa chorava

(Tristan Tzara explicava
as peças da máquina
os órgãos da máquina
a alma da máquina)

Surgia Europa
mais tarde surgia

Europa chorava

Neste, que é um exemplar dos seus *Telepoemas*¹⁸, Devi está já completamente envolta no espírito europeu, tendo completamente abandonado suas origens no continente indiano e mergulhado definitivamente na metafísica poética, já não impregnada do simbolismo, mas sim do concretismo e do surrealismo.

Sua ligação ambígua com a Europa é expressa de forma magistral nos versos “ Surgia Europa/mais tarde surgia/Europa chorava ”, ou seja, para ela, vinda de fora, a Europa surgiu, mas depois feneceu, isto é, deu-lhe esperanças (como a tantos outros imigrantes vindos das ex-côlonias para o continente europeu), mas não as cumpriu. Essa mesma aproximação e absorção da cultura européia é expressa usando-se o nome de dois de seus mais contestadores artistas - Goya e Tzara - cada um na sua época e área.

Ao mesmo tempo, contudo, Devi universaliza-se com os versos “ (a dor era igual/é igual) ”.

Mas, a parte mais atraente e profunda deste poema é, todavia, a sua introdução, onde, de forma gradual e com o uso de metonímias e metáforas, passamos da leveza da seda (ecos do Oriente ainda, possivelmente) à ausência de som e daí à fluidez da água, expressa numa lágrima, mas com a sublimidade de uma voz. É, sem sombra de dúvida, uma das formas mais belas pelas quais já se expressou o sentimento de angústia na língua portuguesa. Aqui, Devi fica bem próxima do poeta mais profundo do simbolismo: Rimbaud.

IV. CONCLUSÃO

Depois de analisados os três poemas de Vimala Devi aqui selecionados, esperamos ter podido atingir o nosso objetivo primordial com esse artigo, ou seja, o de revelar para um maior público a arte e a linguagem de um dos

18 Idem, ibidem, p.417

nomes mais importantes da extinta literatura indo-portuguesa.

Fica também esse artigo como uma reflexão, neste ano em que Macau é devolvido à China e Timor-Leste tem seu destino ainda incerto, mas voltado, finalmente para a independência.

A presença portuguesa firmou-se no Brasil, onde a língua, apesar das inúmeras modificações sofridas, ainda permanece sendo o português.

Assim também, essa mesma presença portuguesa continua, de algum modo, interiorizada nas cinco nações lusófonas do continente africano, mais em umas que em outras, é certo.

Mas é quase impossível sentir-se o mesmo em Goa, Málaca ou no Sri Lanka. Assim será também, parece-nos, num futuro próximo em Macau e em Timor-Leste.

Só esperamos que anos de construção de uma cultura própria não venham a ser completamente apagados e possam ser aos poucos resgatados e conservados, nem que seja longe do seu local de origem, como ocorreu em grande parte com a literatura indo-portuguesa.